

Medicina e universalidade*

Quando se vem de longe e se aporta a Macau, a uma sensação natural de cansaço físico logo se contrapõe o enlevo espiritual, por se poder apreciar concretamente uma faceta importante da presença portuguesa fora da Europa.

Se, há séculos, os nossos maiores tiveram o engenho e a arte que lhes permitiu chegar às sete partidas do Mundo, difundindo a cultura de que eram detentores, o correr dos tempos, com desenvolvimentos de toda a ordem, tornou os povos cada vez mais próximos, capazes de se conhecer melhor e propiciando trocas fáceis de ideias, algumas das quais, por importantes, vieram a demonstrar-se universais. Aliás, o sentido da universalidade está inscrito na nossa História desde a Idade Média, pois já nessa época portugueses valerosos foram à procura de espaços desconhecidos.

Depois, foi a gesta dos Descobrimentos e a unificação do globo, a adaptação aos mais diversos climas e variados costumes, a assimilação das culturas mais heterogêneas.

O sentido da universalidade é, sem dúvida, o fio que alinha os momentos na nossa História e da nossa realidade como povo, com a visão ecuménica que deve ligar cada vez mais a diversidade e a unidade. E dentro da vocação geral dos povos à universalidade, o português constitui um exemplo reconhecido em toda a parte.

Esse espírito de universalidade que herdámos deve agora alargar-se e aprofundar-se, fazendo simultaneamente apelo à identidade fundamental, na mobilização de todas as energias criadoras.

Hoje, as circunstâncias são diferentes: o centro do globo deixou de ser a Europa, chegou-se a um estado de independência nunca antes visto, mas que possibilita um diálogo e comunicação entre culturas e civilizações, anteriormente limitados. Actualmente, este sentido de universalidade é também reconhecido na Medicina.

O progresso técnico alcançado num dia, num lugar, é conhecido no dia seguinte nos seus antípodas. E cada vez se sente mais a necessidade de comunicar, não apenas com aqueles com quem lidamos diária ou anualmente, mas também, com os outros, que só conhecemos remotamente e agora desejamos nos transmitam pessoalmente o seu saber e as suas inquietações.

Daí a importância da realização de congressos, como o presente, que reúnam profissionais de extracção, formação e culturas diferentes, para que, sem perda das respectivas identidades, possam conferir cada vez mais,



também à Medicina, o sentido autêntico da universalidade, porque dela devem ser usufrutuários todos os homens, sem excepção.

Reconhecida como ponto de encontro de civilizações e farol de difusão de cultura, Macau recebe hoje, com a tradicional fidalguia, delegações de médicos que desejam cotejar experiências e trocar pontos de vista, em suma, promover progresso.

A Clínica Geral e a Medicina Interna, sem desprimor para as especialidades de índole mais tecnológica, constituem, sem dúvida, os pilares dos sistemas de saúde em qualquer parte do Globo. Sendo a primeira mais vocacionada para a prevenção e o ambulatório, e a segunda preferencialmente centrada na actividade hospitalar, completam-se de uma forma harmoniosa, com vista à profilaxia, ao tratamento e à reabilitação do Homem. Numa época de tantos avanços que nos encantam, ajudam o ser humano a manter ou recuperar um estado de higidez que o coloque em condições de poder sentir-se feliz.

Agradecendo a presença honrosa de quem nos distingue participando nesta Sessão Inaugural e a colaboração empenhada de todos os que tornaram possível esta iniciativa, faço votos de que este I Congresso Luso-Chinês de Clínica Geral e Medicina Interna de Macau corresponda às expectativas científicas, propicie um convívio agradável, constitua o início duma tradição que aqui nos torne a reunir em anos vindouros e seja instrumento – através da Medicina e da promoção da saúde – da universalidade dirigida para a paz que os homens ambicionam e verdadeiramente merecem!

Armando Porto

*Palavras proferidas na abertura do I Congresso Luso-Chinês de Clínica Geral e Medicina Interna de Macau